

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA CEARÁ

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O crescimento do PIB do Ceará, 4,4%, em 2004, foi o maior desde 1994. Com destaque para o crescimento da indústria, 7,0%;
- Na agropecuária destacaram-se, em produção, as frutas: abacaxi (1.380%), melancia (90,5%), melão (10,1%);
- Na produção de grãos destacaram-se: mamona (349,2%), arroz irrigado (28,7%), algodão (14,1%) e o sorgo (19,1%);
- A produção industrial, em 2004, obteve o segundo melhor resultado dentre os estados brasileiros pesquisados, com uma taxa de 11,9%;
- O volume das vendas reais do comércio varejista registrou, em 2004, a maior variação (8,52%), desde 2001, início da pesquisa;
- O saldo da Balança Comercial foi recorde e atingiu o valor de US\$ 285,8 milhões. As exportações atingiram o valor de US\$ 859,4 milhões e as importações US\$ 573,6 milhões;
- Em 2004, foram gerados 31 mil novos postos de trabalho formal;
- A inflação do Ceará, em 2004, alcançou o patamar de 5,66% inferior a registrada em 2003 (10,07%) e menor que a brasileira, 6,13%;
- Resultado Primário foi superávitário em R\$ 343 milhões; o Resultado Nominal foi deficitário em R\$ 57 milhões;
- ICMS cresceu 17% em termos reais; o FPE cresceu 4%; e as Operações de Crédito foram reduzidas em 16%;
- gasto com pessoal cresceu 3% em termos reais; os Investimentos caíram 8%; e o Serviço da Dívida foi reduzido em 6%;
- Gastou-se 29,6% da receita líquida em Educação e 13,3% em Saúde;
- O estoque da Dívida Corrente Líquida foi reduzido em 3%, e está em R\$ 4.312 milhões (93% da Receita Corrente Líquida); a Dívida alcança R\$ 5.025 milhões com "esqueletos" (108% da Receita Corrente Líquida).

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO (SEPLAN)

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)

CONJUNTURA ECONÔMICA DO CEARÁ

2004

*Fortaleza,
Fevereiro de 2005*

GOVERNADOR
Lúcio Gonçalo de Alcântara

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO (SEPLAN)

SECRETÁRIO
Francisco de Queiroz Maia Júnior

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

DIRETOR-GERAL
Marcos Costa Holanda

DIRETORIA DE ESTUDOS SOCIAIS
Antônio Lisboa Teles da Rosa

DIRETOR DE ESTUDOS SETORIAIS
Pedro Jorge Vianna

EQUIPE TÉCNICA

ELABORAÇÃO

*Daniel Campos Lavor
Francis Carlo Petterini
Maria Eloisa Bezerra da Rocha
Rogério Barbosa Soares*

COLABORAÇÃO

Margarida Nascimento

*Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)
End.: Centro Administrativo do Estado Governador Virgílio Távora
Av.: General Afonso Albuquerque Lima, S/N
Ed. SEPLAN - 2º andar
60839-900 – Fortaleza-CE
www.ipece.ce.gov.br
ipece@ipece.ce.gov.br*

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) apresenta o Boletim de Conjuntura Econômica de 2004.

O documento aborda o desempenho da economia cearense levando em consideração as contas regionais e o comportamento setorial, destacando-se a agropecuária, indústria, comércio, turismo e finanças públicas.

A seção Opinião IPECE traz dois artigos. O primeiro versa sobre Bases Naturais do Ceará: Condições Geoambientais de Exploração Agrícola, e o segundo sobre a criação de camarão em cativeiro e a oportunidade de exportar mais em 2005, sob o título: Carcinicultura: Uma Janela de Oportunidade.

O IPECE com a divulgação da Conjuntura Econômica, procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo sobre a economia cearense.

Marcos Costa Holanda
Diretor Geral do IPECE

SUMÁRIO

1 DESEMPENHO MACROECONÔMICO, 5

2 DESEMPENHO SETORIAL, 11

2.1 Agropecuária, **11**

2.2 Indústria, **13**

2.3 Comércio Varejista, **14**

2.4 Comércio Exterior, **15**

2.5 Mercado de Trabalho, **19**

2.6 Turismo, **20**

2.7 Preços, **21**

2.8 Juros e Câmbio, **19**

3 FINANÇAS PÚBLICAS, 24

3.1 Resultado Primário, **24**

3.2 Receitas e Despesas, **25**

3.3 Vinculações com Saúde e Educação, **33**

3.4 Dívida pública, **34**

4 OPINIÃO IPECE, 36

Bases Naturais do Ceará: Condições Geoambientais de Exploração
Agrícola, **36**

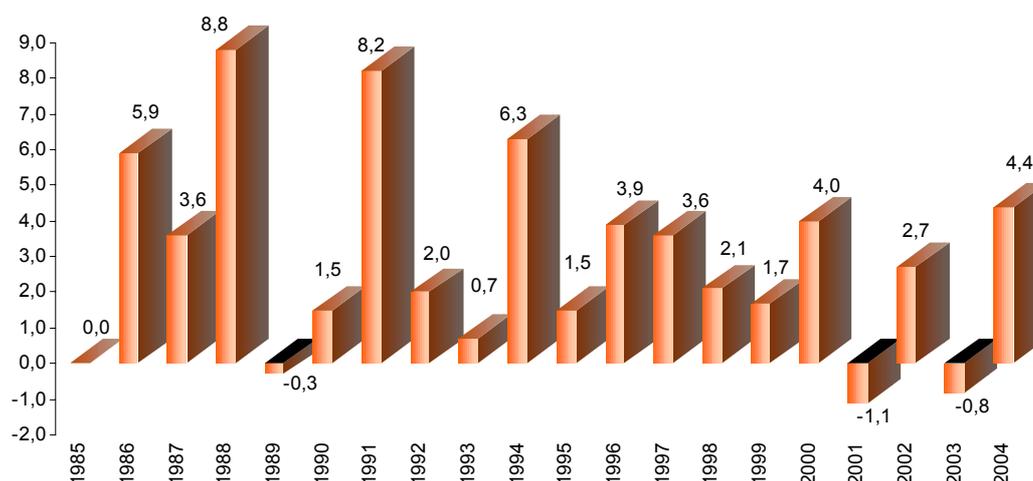
Carcinicultura: Uma Janela de Oportunidade, **39**

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

1 DESEMPENHO MACROECONÔMICO DO CEARÁ – 2004

A economia cearense, em 2004, colecionou uma série de resultados positivos. A atividade econômica evoluiu gradativamente com a intensificação do crescimento, que se solidificou no segundo trimestre do ano. Em estimativa preliminar, o PIB Estadual fechou o ano de 2004 com um crescimento de 4,4% sobre o ano de 2003, superando a expectativa de 4% feita pelo IPECE. O crescimento da economia foi liderado pela indústria (7,0%), seguida dos serviços (3,9%). Somente a agropecuária registrou decréscimo, em 2004, de 5,7%. (Tabela 1). Os resultados obtidos pela a economia cearense seguiram a tendência de crescimento previsto para a economia brasileira, de 5,3%. Vale ressaltar que o crescimento de 2004 foi o maior desde 1994 (6,3%), conforme pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Evolução do crescimento (%) do PIB a preços básicos – Ceará
1985-2004



Fonte: IPECE.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Para o crescimento do PIB Estadual, em 2004, foram decisivos os resultados alcançados pela economia no 4^o trimestre, que cresceu a uma taxa positiva de 7,3% sobre 2003, constituindo-se, também, na maior variação do ano de 2004. (Tabela 1).

Tabela 1 – Evolução (%) do PIB a preços básicos – Ceará – 2003-2004

Setores/Segmentos	2003		2004				
	4 ^o Trim.	Anual	1 ^o Trim.	2 ^o Trim.	3 ^o Trim.	4 ^o Trim.	Anual
1 – Agropecuária	1,1	4,0	0,4	-4,5	-9,3	-5,1	-5,7
2 – Indústria	-5,5	-3,5	1,0	2,9	11,7	11,5	7,0
3 – Serviços	0,7	0,1	3,0	2,8	3,6	6,1	3,9
PIB (VA a preços básicos)	-1,5	-0,8	2,2	2,3	5,1	7,3	4,4

Fonte: IPECE.

A Agropecuária apresentou uma taxa negativa de 5,7%, em 2004 sobre o 2003, explicada em parte, pela queda de 41,59% na produção de grãos. Em função de chuvas irregulares (veranicos), o Ceará não alcançou o nível da safra de 2003, 1.082 mil toneladas de grãos, considerada a maior desde 1947, fechando o ano com 632 mil toneladas. Diante disso, as produções de milho e de feijão, principais grãos produzidos pelo Estado, registraram as maiores reduções na safra de 2004, -49,0% e -37,8%, respectivamente.

A indústria cearense cresceu, em 2004, 7,0% relativamente a 2003. Para este desempenho a indústria de transformação teve papel preponderante, pois registrou uma elevação de 11,2%, impulsionada pelas ampliações nas produções das atividades industriais de produtos alimentares e bebidas, têxtil, calçados e artigos de couros, metalúrgica básica e vestuário e acessórios. Em produtos alimentares e bebidas destacou-se o beneficiamento da amêndoa da castanha de caju. No segmento de calçados e artigos de couros, ressaltou-se a produção de calçados de plástico.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

A indústria sofreu influência positiva da atividade de eletricidade, gás e água, com uma taxa de 15,0%, no período analisado. (Gráfico 2 e Tabela 2). Houve crescimento, sobretudo nos consumos de gás natural (111,5%), de energia elétrica (6,7%) e o volume de água faturado que apresentou um crescimento menor de 1,8%. O crescimento continuado do consumo de energia elétrica, evidencia o crescimento da indústria de transformação, em 2004. Já o consumo de gás natural vem crescendo, nos dois últimos anos, no Ceará, em virtude das instalações de termoelétricas, associadas à opção de alguns donos de veículos pelo combustível alternativo, de preço menor que o da gasolina e do álcool.

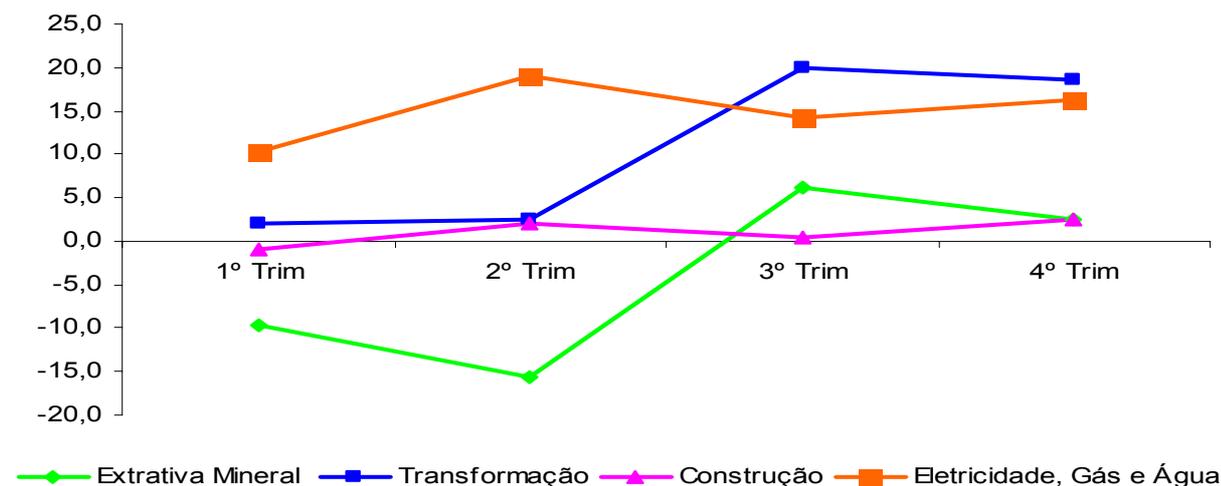
A construção civil, em 2004, registrou um fraco crescimento de 1,0%. É importante recordar que há dois anos este segmento registra desempenho negativo. Essa melhora, em 2004, revela que aos poucos a construção no Ceará está se recuperando, pois indicadores como consumo de cimento apresentou ligeiro acréscimo (3,3%). A recuperação da renda do trabalhador, também ajudou ao segmento na recuperação, na aquisição de imóveis e material de construção. Vale lembrar que os maiores obstáculos ao desempenho da construção civil, nos últimos anos, foram à redução dos investimentos públicos e escassez de linha de crédito voltada para o setor.

A indústria extrativa mineral, que apresentou fortes quedas nos dois primeiros trimestres/2004, iniciou no 3^o trimestre/2004, uma trajetória positiva. No entanto, estes resultados não foram suficientes para superarem as taxas do 1^o semestre/2004, fechando o ano com uma variação negativa de 5,6%. A produção de petróleo continuou em queda e acumulou no ano uma taxa de -8,1% sobre 2003, o que prejudicou o desempenho da extrativa mineral. O declínio dessa indústria somente não foi maior, em virtude dos aumentos verificados nos demais indicadores que mensuram a indústria, como produção de cimento e produção de gás natural, com variações de 7,7% e 29,2%, respectivamente.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Gráfico 2 – Taxa de crescimento (%) do PIB a preços básicos por indústria – Ceará - 2004



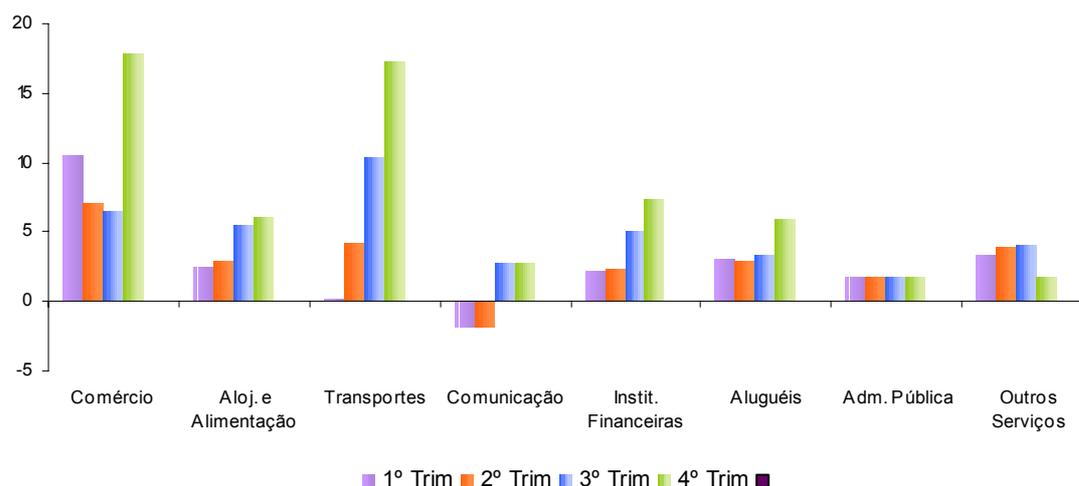
Fonte: IPECE.

Por sua vez, todos os segmentos que integram os serviços registraram taxas positivas, como mostram o Gráfico 3 e Tabela 2. A maior taxa de crescimento coube ao comércio, 10,8%, em 2004 sobre 2003. O comércio refletiu o comportamento do segmento varejista, medido pelo IBGE, que fechou o ano de 2004, com uma taxa de 8,5%, sobre 2003. A retomada do crescimento do mercado interno, sobretudo no segundo semestre/2004, o desempenho das exportações, a recuperação da renda do trabalhador e uma maior facilidade de crédito, foram os principais fatores responsáveis pelo resultado positivo do comércio, apesar das constantes elevações da taxa básica de juros, referencial para o crédito a varejo.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Gráfico 3 – Evolução do crescimento (%) do PIB a preços básicos de serviços Ceará – 2003 -2004



Fonte: IPECE.

A atividade transportes, com uma variação de 8,3%, constituiu-se na segunda maior variação positiva, em 2004 sobre 2003. Vale salientar que apesar da base de comparação, 2003, ter sido muito baixa (-9,0%), todos os indicadores, que compõem este segmento, registraram variações positivas: carga embarcada (24,7%), passageiros embarcados (28,7%) e consumo de óleo diesel (2,2%).

O segmento alojamento e alimentação cresceu 4,3%, em 2004 sobre 2003, graças às performances dos indicadores de número de hóspedes (13,5%) e do estoque de emprego formal. Este segmento mostra, de certa forma, a tendência da atividade turística no Ceará, que segundo a SETUR, em 2004, apresentaram-se mais favoráveis do que em 2003.

Os outros segmentos que apresentaram variações positivas foram: instituições financeiras (4,4%), outros serviços coletivos (3,6%), aluguel de imóveis (0,2%), administração pública (1,7%) e comunicação (0,5%). (Tabela 2).

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Tabela 2 – Evolução do crescimento (%) do PIB a preços básicos – Ceará
2003-2004

Setores/Segmentos	2003		2004				
	4º Trim	Anual	1º Trim	2º Trim	3º Trim	4º Trim	Anual
1 - AGROPECUÁRIA	1,1	4,0	0,4	-4,5	-9,3	-5,1	-5,7
2 - INDÚSTRIA	-5,5	-3,5	1,0	2,9	11,7	11,5	7,0
2.1. Extrativa Mineral	-18,1	-3,5	-9,6	-15,7	6,2	2,4	-5,6
2.2. Transformação	-1,3	-0,5	2,1	2,5	19,9	18,5	11,2
2.3. Construção	-11,3	-9,1	-1,0	2,1	0,4	2,4	1,0
2.4. Eletricidade, Gás e Água	4,1	6,2	10,4	19,0	14,2	16,2	15,0
3 - SERVIÇOS	0,7	0,1	3,0	2,8	3,6	6,1	3,9
3.1. Comércio	-0,1	-4,9	10,5	7,1	6,5	17,8	10,8
3.2. Alojamento e Alimentação	3,7	3,6	2,5	2,9	5,5	6,1	4,3
3.3. Transportes	-6,1	-9,0	0,2	4,2	10,4	17,3	8,3
3.4. Comunicação	-3,6	0,1	-1,9	-1,9	2,7	2,7	0,5
3.5. Instituições Financeiras	-1,5	-1,0	2,2	2,3	5,1	7,3	4,4
3.6. Aluguéis	1,0	0,2	3,0	2,9	3,4	5,9	0,2
3.7. Administração Pública	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7	1,7
3.8. Outros Serviços	4,3	4,1	3,4	3,9	4,1	1,7	3,6
PIB (VA a preços básicos)	-1,5	-0,8	2,2	2,3	5,1	7,3	4,4

Fonte: IPECE.

1.1 PERSPECTIVAS PARA 2005

As previsões para 2005, em nível local e nacional, são de continuidade de crescimento. Para o Ceará a previsão é de que o PIB cearense cresça entre 3,5 e 4,0% e 3,8% para o Brasil. No caso do Ceará foi revista a previsão anterior de 4,5%, tendo em vista a elevação dos juros internos e pela tendência de alta dos juros da economia americana com reflexos na economia mundial.

2004

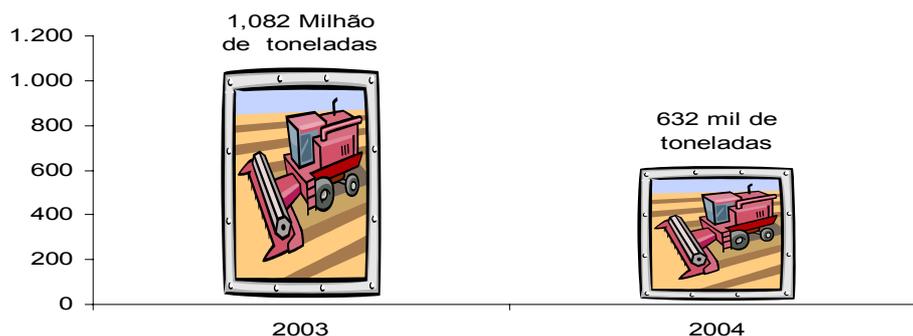
BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

2. DESEMPENHO SETORIAL

2.1 Agropecuária

No ano de 2004 a produção de grãos ficou aquém do recorde registrado em 2003, de 1,082 milhão de toneladas. Segundo o IBGE, a produção cearense de grãos atingiu somente 632 mil toneladas, significando uma queda de 41,59% frente à produção alcançada em 2003. (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Produção de Grãos – Ceará – 2003-2004



Fonte: IBGE.

O fraco desempenho da agropecuária cearense está relacionada as fortes chuvas ocorridas nos meses de janeiro e fevereiro, reduzindo-se no mês de março, quando começou a ocorrência de veranicos (1), provocando o fenômeno conhecido como seca-verde, assim designado por haver a brotação da vegetação nativa, porém a produção agrícola fica comprometida, pois as culturas perdem rendimento reduzindo a expectativa de produção. A área colhida em 2004, 1.275 mil hectares é 8% menor do que a colhida em 2003 (1.368 mil hectares). O milho e o feijão, principais grãos produzidos pelo Estado, registraram as maiores quebra de safras, com quedas de 49,0% e 37,8%.

¹ Veranico: período de tempo de dez ou mais dias sem a ocorrência de chuvas.

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Um dado positivo observado na produção de grãos, no Ceará, em 2004, foi o volume maior de arroz produzido em sistema de irrigação, superando o arroz de sequeiro, com produções de 57,640 e 28,678 mil toneladas, respectivamente. O arroz irrigado cresceu sua produção em 28,7% e o de sequeiro caiu 49,7%, o que contribuiu para uma queda de 15,2% no total do arroz produzido no Estado. Ressalte-se que a queda sofrida pelas culturas do milho e do feijão deverão refletir no agronegócio de grãos, pois estas culturas juntas respondem por mais de 80% do total de grãos produzidos no Estado do Ceará.

Outros produtos com menores participações no total de grãos do Estado, apresentaram ampliações na produção: mamona (349,2%), algodão (14,1%) e sorgo (19,1%). As maiores elevações na produção de frutas, em 2004, foram verificadas no abacaxi (1.380%), melancia (90,5%) e no melão (10,1%).

A produção da castanha de caju alcançou, em 2004, um volume de 91 mil toneladas contra 108 mil toneladas colhidas em 2003, significando uma queda na safra de 15,7%, um fato preocupante, pois este produto é o segundo da pauta das exportações cearenses. Assim, essa queda pode prejudicar o bom desempenho que as exportações conseguiram em 2003 e 2004.

2.2 Indústria

A indústria cearense fechou o ano de 2004 com crescimento de 11,9%, na produção física, relativamente ao ano de 2003. O Ceará registrou o segundo maior aumento na produção industrial, em 2004, dentre os estados brasileiros pesquisados pelo IBGE, perdendo somente para o Estado do Amazonas.

Em termos de atividades, em 2004, houve ampliação no volume produzido nas indústrias de máquinas e aparelhos elétricos (53,89%), calçados e artigos de couro

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

(16,48%), produtos químicos (15,55%), têxtil (12,85%), alimentos e bebidas (11,06%) e vestuário e acessórios (8,12%), destacando-se às atividades que mais contribuíram para a performance da indústria cearense.

Vale lembrar que esses segmentos são os mesmos que moveram as exportações cearenses em 2004. Tomando-se os calçados como exemplo, em 2004, as exportações alcançaram o valor de US\$ 186,5 milhões ou 11,3% a mais que o exportado que em 2003.

A Tabela 3 mostra ainda o único segmento industrial que registrou queda na produção, produtos de metal/exclusive máquinas, com uma taxa negativa de 9,67%, em 2004 sobre 2003. Este comportamento deveu-se em função da desaceleração na produção de estruturas de ferro e aço e latas de metal para embalagens.

Tabela 3 - Evolução da Indústria de Transformação – Ceará –2003-2004

Atividades	Dezembro/ 2004-2003	4 ^o Trimestre/ 2004-2003	Acumulado em 2004
Indústria de transformação	18,61	17,0	11,85
Alimentos e bebidas	6,47	5,1	11,06
Têxtil	26,05	36,5	12,85
Vestuário e acessórios	9,68	23,0	8,12
Calçados e art. de couro	21,4	11,0	16,48
Refino de petróleo e álcool	36,14	18,6	3,37
Produtos químicos	17,45	18,7	15,55
Minerais não-metálicos	28,54	24,2	4,28
Metalurgia básica	5,9	7,7	14,11
Prod. de metal/excl. máquinas	2,66	-11,9	-9,67
Máquinas e aparelhos elétricos	197,15	112,2	53,89

Fonte: PIM-PF/OBGE.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

2.3 Comércio Varejista

O comércio varejista do Ceará, em 2004, alcançou o melhor resultado desde 2001, quando a pesquisa foi iniciada. As vendas reais apresentaram um crescimento de 8,52%, puxado pela maioria das atividades, como pode ser visto na Tabela 4.

O maior crescimento foi verificado no item móveis e eletrodomésticos (23,25%), seguido de veículos, motos, partes e peças (15,40%), de hipermercados, supermercados, alimentos, bebidas e fumo (10,91%) e de tecidos, vestuários e calçados (3,82%). O item combustível e lubrificante fechou o ano com uma taxa negativa de 1,70%. Vale lembrar que o comércio varejista do Ceará, após vários meses de 2003, apresentando sucessivas quedas, somente em dezembro/2003 deu início a sua recuperação, estendendo-se por todo ano de 2004.

Tabela 4 – Volume de vendas do comércio varejista – Ceará -2004

Atividades	2004 (%)
Comércio Varejista	8,52
Combustíveis e lubrificantes	-1,70
Hiperm. superm., produtos alimentícios e fumo	10,91
Hipermercados e supermercados	11,69
Tecidos, vestuário e calçados	3,82
Móveis e eletrodomésticos	23,25
Veículos, motos, partes e peças	15,40

Fonte: IBGE.

(*) Em relação a 2003.

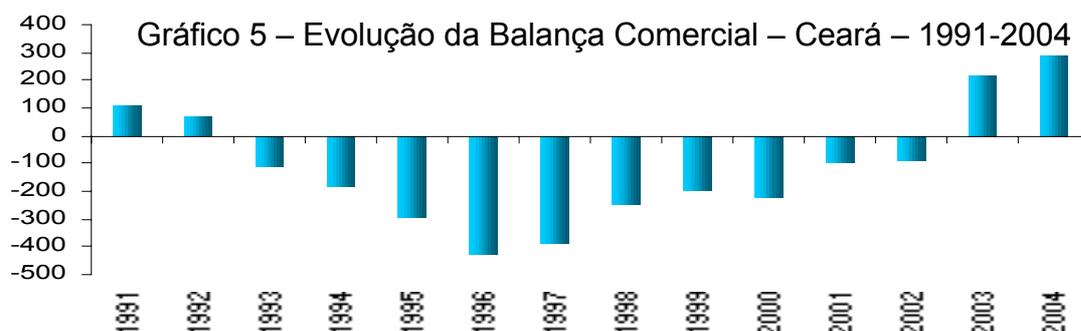
2.4 Comércio Exterior

A balança comercial do Ceará, diferentemente do comportamento da brasileira, somente a partir de 2003, após dez anos de déficits contínuos, iniciou uma trajetória positiva. Em 2004, o saldo da balança comercial foi superavitário e recorde, atingindo US\$ 285,8 milhões e em 2003 obteve o valor de US\$ 220,1 milhões.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Gráfico 5 – Balança Comercial – Ceará – 1991-2004



Fonte: Secretaria do Comércio Exterior (Secex)MIDIC).

As exportações cresceram, em 2004 sobre 2003, 12,9% e tiveram como suporte as vendas dos produtos industrializados.

Dentre os produtos manufaturados e semimanufaturados exportados, os calçados lideraram a pauta, com US\$ 187 milhões, seguidos da amêndoa da castanha de caju (US\$ 142 milhões) e têxteis (US\$ 125 milhões). (Tabela 5).

Tabela 5 – Evolução das Exportações de Produtos Seleccionados - Ceará
2003-2004 (*) (**)

Segmentos	2003		2004		Var. %	
	US\$ 1.000/FOB	KG (1.000)	US\$ 1.000/FOB	KG (1.000)	US\$	KG
Calçados	167.515	18.039	186.520	19.242	11,3	6,7
Amêndoa de Cast.de Caju	109.947	31.725	142.110	36.071	29,3	13,7
Têxteis	125.227	41.038	125.291	34.721	0,1	-15,4
Couro e Peles	87.647	9.750	110.546	18.971	26,1	94,6
Camarão	80.944	20.126	65.188	16.541	-19,5	-17,8
Lagosta	30.756	1.200	40.098	1.302	30,4	8,5
Vestuário e Artef. Têxteis	13.760	1.733	19.076	1.626	38,6	-6,2
Frutas (**)	21.562	55.646	24.829	59.172	15,2	6,3
Gordura, Óleos	10.518	6.106	15.349	8.454	45,9	38,5
Granito e suas Obras	5.927	26.130	11.673	49.177	96,9	88,2
Mel	5.642	2.342	4.524	2.385	-19,8	1,8
Mica	2.212	1.296	3.133	1.588	41,6	22,5
Demais	104.515	280.950	115.073	154.657	10,1	-45,0
Total	760.927	492.125	859.369	398.421	12,9	-19,0

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior (Secex)MIDIC).

(*) Dados preliminares.

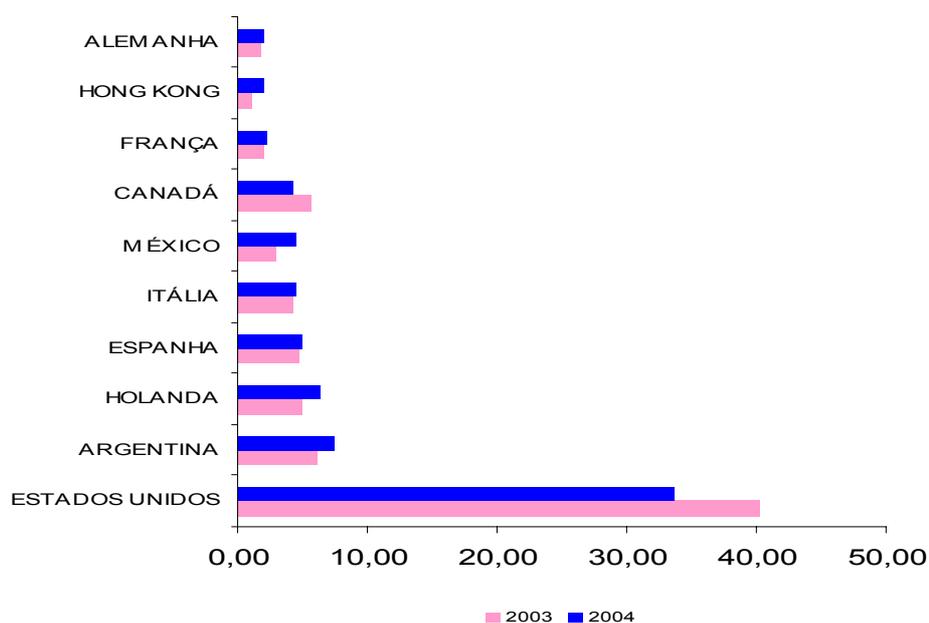
(**) Exceto a Amêndoa da Castanha de Caju.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Da mesma forma que o Estado vem diversificando sua pauta de exportação, também amplia o leque de países parceiros. No entanto, grande parte das mercadorias cearenses ainda tem os Estados Unidos como maior consumidor, representando cerca de 34% das exportações totais do Estado. Em 2004, as vendas para aquele país caíram 6,0%, significando um valor de US\$ 288 milhões contra US\$ 307 milhões exportados em 2003. A Argentina, 38,3%, com um valor de US\$ 64 milhões, no período em análise. Dentre os parceiros recentes do Ceará, destacaram a Malásia (US\$ 12 milhões) e a Tailândia (US\$ 6 milhões). (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Evolução das Exportações para Países Selecionados – Ceará
2003-2004 (%)



Fonte: SECEX/MDIC.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Já as importações cresceram a reboque do crescimento econômico, intensificado no segundo semestre, destacando a importação de bens de capital e mais para o final do ano, pela valorização do Real frente ao Dólar.

Relativamente à pauta importadora do Estado, o maior impacto para o aumento das importações decorreu do desempenho das compras de petróleo e derivados, destacando-se o óleo diesel, que apontou um crescimento de 90,6%, em 2004 sobre 2003, correspondendo a US\$ 124,3 milhões.

Tabela 6 – Importações por Produtos Seleccionados – Ceará – 2003-2004

Produtos	2003		2004		Var. %	
	US\$ 1.000/FOB	KG (1.000)	US\$ 1.000/FOB	KG (1.000)	US\$	KG
Petróleo e Derivados	46.573	318.138	134.156	404.830	188,1	27,2
Óleo Diesel	33.104	145.237	124.346	276.853	275,6	90,6
Trigo	99.049	679.654	89.666	603.426	-9,5	-11,2
Algodão	66.063	59.486	69.453	46.985	5,1	-21,0
Ferro/Aço	31.312	80.613	43.343	91.651	38,4	13,7
Plásticos e suas obras	16.909	13.482	23.870	16.197	41,2	20,1
Gorduras e Óleos	9.940	21.238	11.772	21.026	18,4	-1,0
Óleo de Dendê	5.433	13.200	7.382	14.278	35,9	8,2
Óleo de Soja	3.791	7.567	3.667	6.251	-3,3	-17,4
Demais produtos	270.929	112.467	201.329	100.078	-25,7	-11,0
Total	540.776	1.285.078	573.590	1.284.193	6,1	-0,1

Fonte: Secretaria do Comércio Exterior (Secex)MIDIC).

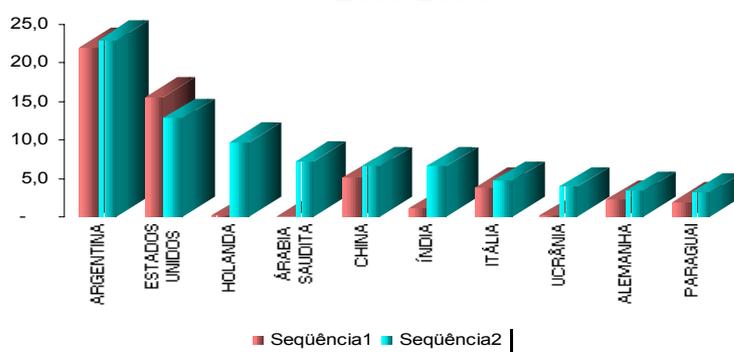
(*) Dados preliminares.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Em 2004 foram internalizadas no Estado, mercadorias oriundas de diversos países, sendo que 23% das importações cearenses originaram-se da Argentina (US\$ 131 milhões) e 13% dos Estados Unidos (US\$ 73 milhões), como mostra o Gráfico 7.

Gráfico 7 – Evolução (%) das Importações para Países Selecionados – Ceará
2003-2004



2.5 Mercado de Trabalho

A análise dos dados referentes ao mercado formal de trabalho, disponíveis no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), mostra que foram criados, no Ceará, 227 mil empregos e perdidos 196 mil totalizando um saldo positivo de 31 mil empregos com carteira assinada, em 2004. (Quadro 1).

O ritmo de crescimento do Ceará determinou uma expansão no mercado de trabalho, generalizada na economia, principalmente no setor industrial. Do total de empregos gerados no Estado, a indústria de transformação contribuiu com a criação de 12,1 mil novos postos de trabalho, os serviços (8 mil), comércio (9 mil) e alojamento e alimentação (3 mil). Na indústria de Transformação ressaltaram com criação de emprego formal: calçados (4,7 mil) e têxtil/vestuário (3,8 mil).

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Quadro 1 – Evolução do Emprego Formal – Ceará – 1999-2004

Anos	Admissão	Demissão	Saldo
1999	179.590	173.767	5.823
2000	212.751	194.972	17.775
2001	223.517	206.436	17.081
2002	215.582	184.751	30.631
2003	210.583	191.938	18.645
2004	227.205	195.965	31.240

Fonte: CAGED - LEI Nº 4.923/65/MTE.

2.6 Turismo

Os efeitos das atividades turísticas sobre a economia cearense são cada vez mais acentuados. Segundo a Secretaria do Turismo do Estado (SETUR) 1,8 milhão de pessoas visitaram o Ceará, em 2004, significando 15,1% acima do contingente de 2003. Um outro indicador que retrata o desempenho do setor, a Demanda Hoteleira, apresentou crescimento de 15,4%, no período em análise, totalizando 948 mil turistas, segundo levantamentos da Secretaria de Turismo (SETUR). O mesmo ritmo de crescimento foi verificado no movimento de passageiros (embarque e desembarque), no Aeroporto Internacional Pinto Martins, que cresceu 20,0% e o número de vôos (pousos) cresceu 8,6%. O desembarque de passageiros internacionais, no Aeroporto Pinto Martins, cresceu 54,7%, em 2004 sobre 2003. A taxa de ocupação hoteleira fechou, em 2004, em 67,8% contra a taxa de 58,9% de 2003.

2.7 Preços

O bom desempenho da economia cearense também foi refletido na inflação, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), medido para a Região Metropolitana de Fortaleza, registrou uma variação positiva de 5,66%, em 2004, inferior à taxa obtida em 2003, 10,07% e menor, ainda, que a inflação brasileira medida pelo INPC,

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

6,13%. Em 2004 as maiores elevações de preços foram verificadas em: comunicação (16,5%), educação (10,5%) e transportes (9,2%).

No caso de comunicação, todos os itens que compõem o grupo acusaram taxas elevadas e bem próximas das ocorridas em 2003, como é o caso do telefone fixo que acumulou uma taxa de 18,23% contra 19,67%, obtida em 2003. Em transporte, o álcool e a gasolina registraram taxas elevadas de 38,96% e 22,66% superiores as de 2003, -10,85% e 1,94%, respectivamente. Com tais altas, o Índice geral somente não foi mais elevado porque itens de peso, do grupo alimentos e bebidas tiveram alguns produtos em quedas, como no caso de: arroz (-18,26%), tomate (-7,66%) e pão (-3,29%).

Tabela 7 – Evolução do INPC por Grupos – Região Metropolitana de Fortaleza -2004

Grupos	Var.% Dezembro/2004	2004 (%)	Peso (%)
Índice geral	1,03	5,66	100,0000
Alimentação e bebidas	0,01	2,35	36,9140
Habitação	1,52	7,41	14,8048
Artigos de residência	0,47	3,65	6,1468
Vestuário	1,53	5,82	6,1819
Transportes	3,88	9,23	14,9843
Saúde e cuidados pessoais	0,28	6,62	8,5667
Despesas pessoais	0,58	7,48	6,9450
Educação	0,50	10,45	3,1315
Comunicação	0,72	16,52	2,3249

Fonte: IBGE.

2.8 Juros e Câmbio

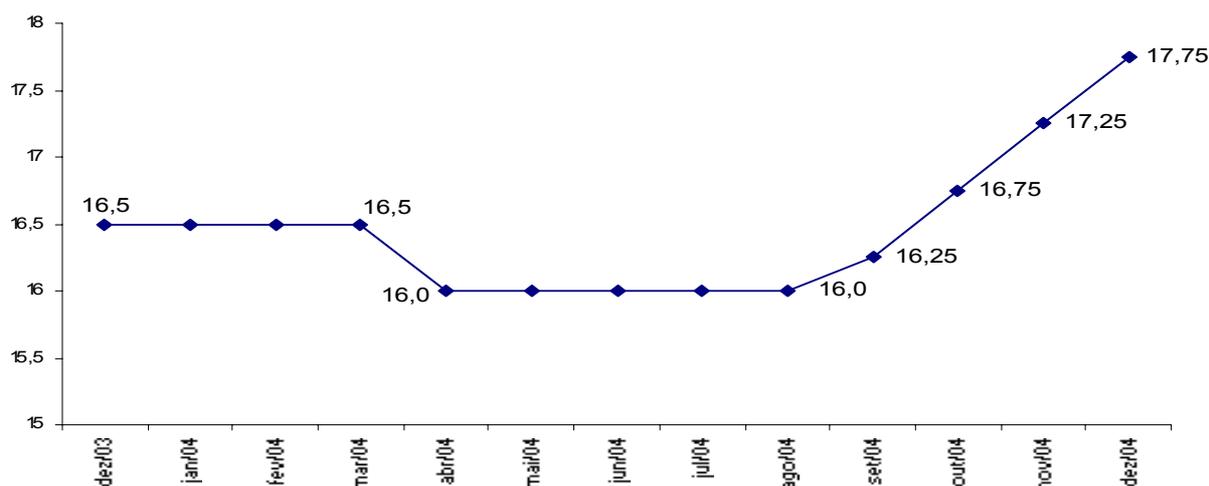
Após cinco meses mantendo a taxa de juros inalterada, o Banco Central mudou a tendência da política monetária - de flexível para restritiva - e deu início a um ciclo de elevações da taxa de juros, aumentou a taxa Selic de 16,25% em setembro/2004 para 17,75% em dezembro/2004. A mudança na forma de aplicação da política monetária deveu-se a altas persistentes de alguns preços, sobretudo os de petróleo, aliada ao

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

crescimento da demanda, que poderiam comprometer as expectativas inflacionárias para 2005 — em níveis acima da nova meta de 5,1% reajustada pelo Bacen.

Embora tenha havido uma sucessão de eventos que estancaram a retomada inflacionária, como a valorização cambial, redução no preço internacional de petróleo e recuo no ritmo de algumas atividades econômicas, o Copom entendeu que seria melhor continuar com o processo de ajuste gradual dos juros para que não desvie dos objetivos estipulados para a atuação da política monetária. (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Evolução da taxa de Juros Selic – Dez/2003-Dez/2004



Fonte: BACEN.

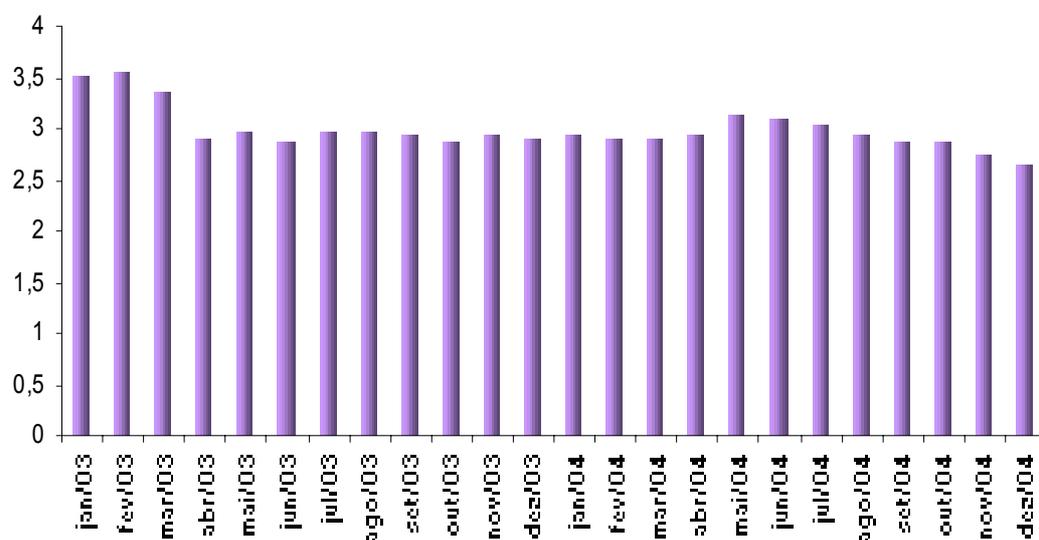
No tocante ao Dólar, este encerrou o ano 2004 com um valor médio de R\$ 2,92, significando uma queda em torno de 5%. Um dos fatores para esse comportamento foi à entrada de moeda estrangeira oriunda das exportações brasileiras. (Gráfico 9).

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Vale dizer que o real foi à moeda que mais se fortaleceu em relação ao dólar nos últimos dois anos dentre os principais parceiros comerciais dos EUA.

Gráfico 9 – Evolução do Dólar para – Brasil - 2003-2004



Fonte: BACEN.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

3 FINANÇAS PÚBLICAS

3.1 Resultado Primário

Em 2004, o tesouro cearense obteve um resultado primário superavitário em R\$ 343 milhões. O demonstrativo de resultados (Tabela 8) mostra que este superávit foi construído pelo aumento de receitas, em especial do ICMS, e pelo controle de despesas.

Tabela 8 – Demonstrativo de Resultados – 2003-2004

Discriminações	2003	2004
1. Receitas ^(Próprias e Transferências)	4.920	5.508
ICMS	2.585	2.930
FPE	1.593	1.756
Outras*	742	822
2. Transferências Municipais**	718	788
3. Receita Líquida ⁽¹⁻²⁾	4.202	4.720
4. Despesas Não Financeiras	4.105	4.377
Pessoal	2.128	2.333
Investimentos***	454	446
Outras	1.523	1.598
5. Resultado Primário ⁽³⁻⁴⁾	98	343
6. Juros da Dívida ^(Líquido Devido)	268	265
Encargos ^(Internos e Externos)	305	280
(-) Juros de Tít. Renda****	37	15
7. Amortizações	382	380
8. Nec. de Financiamento ⁽⁵⁻⁶⁻⁷⁾	-552	-302
9. Alienações de Bens	95	1
10. Operações de Crédito	273	244
Internas	41	54
Externas	232	190
11. Resultado Nominal ⁽⁸⁺⁹⁺¹⁰⁾	-184	-57

* Conforme o cômputo do PAF.

** Transferências Constitucionais e Voluntárias.

*** Conta "4400.0000" do SIC.

**** Basicamente a Receita Patrimonial.

Fonte: Sefaz - SIC - Resultados sujeitos a ajustes no Balanço.

Elaboração: IPECE, conforme a estrutura do PAF.

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

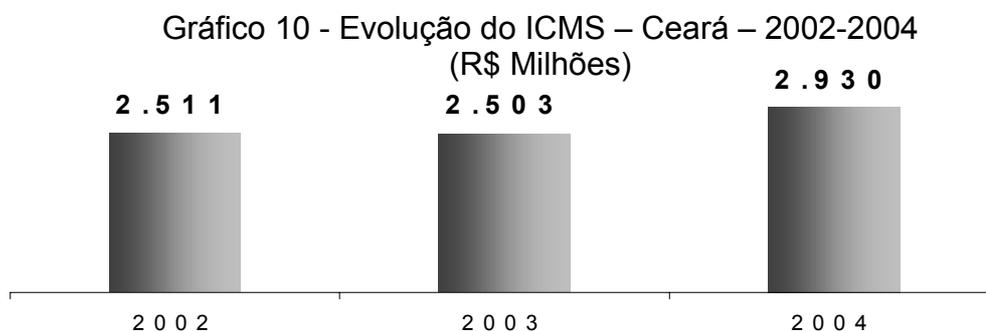
Na despesa não financeira, investimento e custeio ficaram estabilizados. Já as despesas com pessoal tiveram um aumento moderado. Estes resultados sinalizam a preocupação do governo em controlar o gasto público.

Na despesa financeira, os pagamentos de juros e amortizações também ficaram estabilizados. Além disso, cerca de 59% do serviço da dívida foi composto por amortizações. O que indica uma sólida situação fiscal, onde o Ceará é um dos poucos estados brasileiros que está amortizando mais dívida do que pagando juros.

Quanto aos resultados primário e nominal dois pontos devem ser observados. O primeiro ponto é o fato do superávit primário ter crescido 250% em 2004. E o segundo ponto é o fato do déficit nominal ter sido reduzido em 69%. Estas duas considerações reforçam a evidência de que o governo está se esforçando na busca do equilíbrio fiscal.

3.2 Receitas e Despesas

Pelo lado das receitas, em preços constantes observa-se que a arrecadação de ICMS cresceu 17% de 2003 para 2004. No último ano o montante arrecadado foi de R\$ 2.930 milhões (Gráfico 10), refletindo um ganho de eficiência do fisco estadual e um conseqüente aumento no grau de autonomia do Ceará, que cada vez depende menos das transferências de recursos do governo federal.



Fonte: SIC - Descontados Incentivos Fiscais
Preços Constantes de 2004, corrigidos pelo IPCA

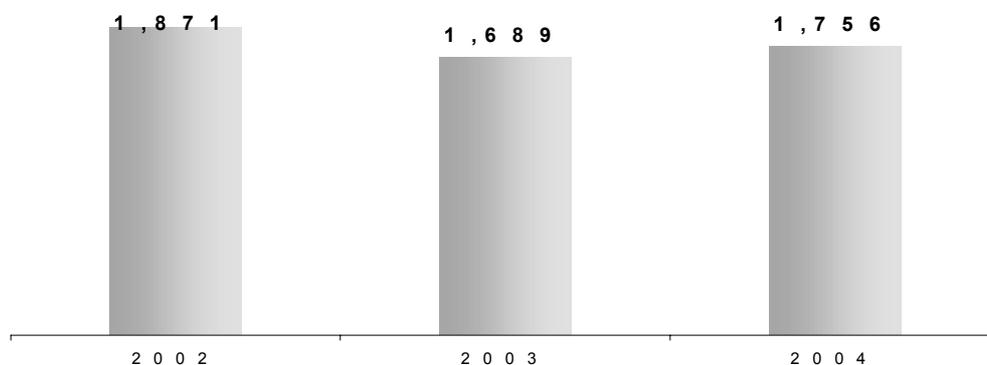
2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Todavia, é importante observar que o ano de 2003 foi um ano recessivo para toda a economia brasileira, particularmente para a cearense, e isto refletiu-se na arrecadação tributária.

Quanto ao FPE, em 2004 seu montante foi de R\$ 1.756, resultando em um crescimento real de 4% em relação ao ano anterior (Gráfico 11). Este montante é inferior àquele de 2002, mostrando a tendência negativa das transferências do governo federal (fruto da concessão de incentivos fiscais via IR e IPI). Assim, comparando os 4% de crescimento do FPE com os 17% do ICMS, percebe-se mais claramente o ganho de autonomia do Ceará.

Gráfico 11 – Evolução do FPE – 2002 – 2004
(R\$ Milhões)



Fonte: SIC
Preços Constantes, Corrigidos pelo IPCA

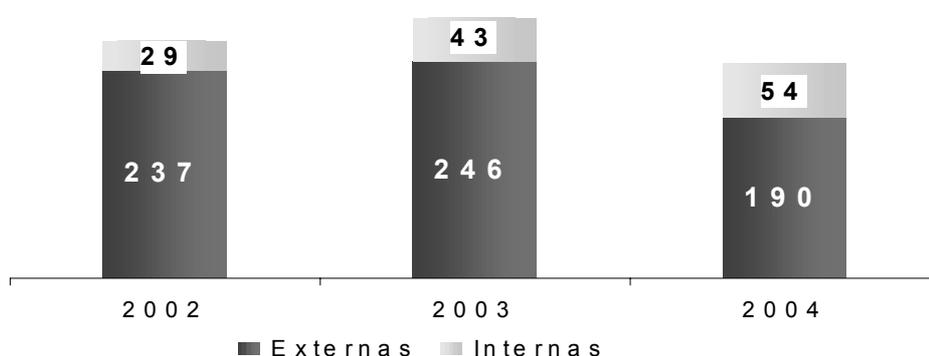
Mais uma evidência desse ganho de autonomia se encontra na dinâmica das operações de crédito. Para amenizar as consequências da recessão de 2003 o governo estadual teve de aumentar em 9% as operações de crédito de 2003, em termos reais, comparando com o montante de 2002 (Gráfico 12). Todavia, com a recuperação da

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

economia, as operações de crédito em 2004 foram reduzidas em 16% quando se compara ao montante de 2003.

Gráfico 12 – Operação de Créditos – 2002 – 2004
(R\$ Milhões) (*)

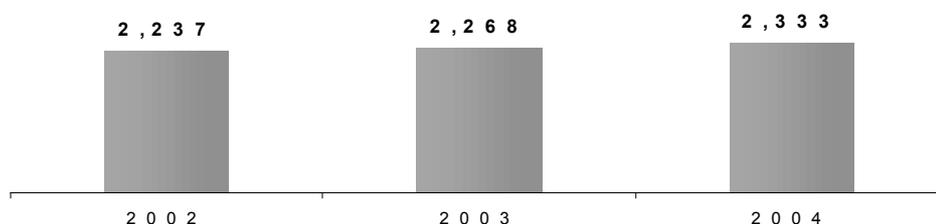


Fonte: SIC

(*) Preços Constantes, Corrigidos pelo IPCA

Pelo lado das despesas, o gasto com pessoal claramente tem sido controlado nos últimos anos (Gráfico 13). Em preços constantes, esta categoria de gastos cresceu 2% em 2003 e 3% em 2004.

Gráfico 13 – Gasto com pessoal – 2002 – 2004
(R\$ Milhões) (*)



Fonte: SIC

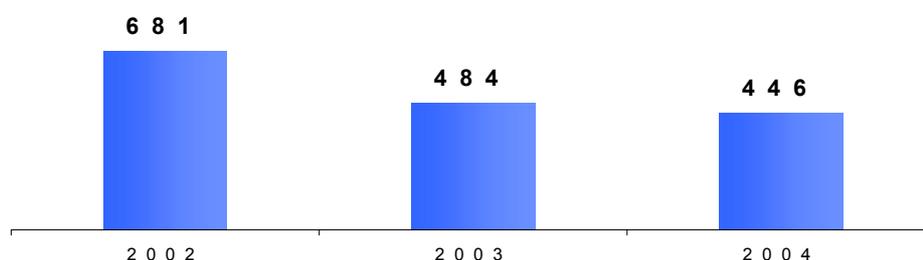
(*) Preços Constantes, Corrigidos pelo IPCA

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Quanto aos investimentos, em 2003 esta despesa alcançou o montante de R\$ 484 milhões, caindo para R\$ 446 milhões em 2004, uma redução real de 8%.

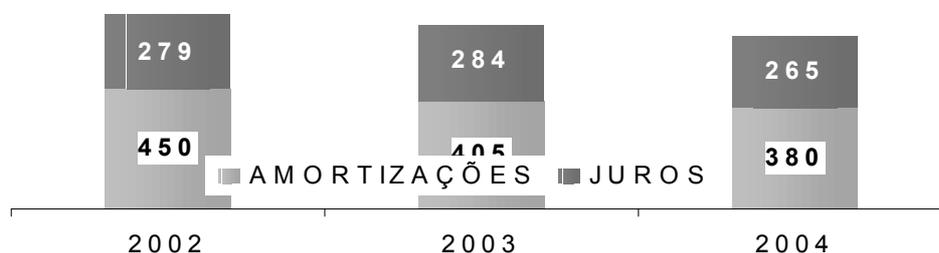
Gráfico 14 – Operação de Créditos – 2002 – 2004
(R\$ Milhões) (*)



Fonte: SIC
(*) Preços Constantes, Corrigidos pelo IPCA

O serviço da dívida também tem sido reduzido. Em 2003, o pagamento de juros manteve-se no mesmo patamar de 2002, e o montante de amortizações foi reduzido em 10%. E, em 2004, o pagamento de juros foi reduzido em 7%, e o montante de amortizações foi reduzido em 6%.

Gráfico 15 – Serviços da dívida – 2002 – 2004
(R\$ Milhões) (*)



Fonte: SIC
(*) Preços Constantes, Corrigidos pelo IPCA

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Vale destacar a elevada participação das amortizações no serviço da dívida. Representando 62% em 2002 e 59% em 2003 e 2004.

Abaixo, a Tabela 9 apresenta um quadro resumo das taxas de crescimento real das principais receitas e despesas. Na metade superior do quadro apresentam-se as receitas, evidenciando as quedas recessivas de 2003. Nesta parte, o quadro também mostra que as retrações na arrecadação do ICMS e nas transferências do FPE foram compensadas por um aumento nas operações de crédito.

Tabela 9 – Quadro Resumo de Crescimento Real – Ceará - 2003 - 2004

RECEITAS			
Anos	ICMS*	FPE	Operações de Crédito
2003	-0,3%	-9,7%	8,6%
2004	17,1%	4,0%	-15,7%

DESPESAS			
Anos	Pessoal	Investimento	Serviços da Dívida
2003	1,4%	-29%	-5,4%
2004	2,8%	-7,8%	-6,4%

Fonte: SEFAZ

*Descontados Incentivos Fiscais

Ainda na metade superior da tabela acima, observa-se que o quadro de 2003 se inverte em 2004, um ano de recuperação do crescimento econômico. Em 2004 o aumento do ICMS e do FPE deu margem para o tesouro estadual reduzir seu nível de operações de crédito.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Já na metade inferior do quadro resumo, as despesas em 2003 e 2004 mostram o controle do governo estadual nos dois anos consecutivos.

3.3 Vinculações com Saúde e Educação

No que tange às despesas na área de saúde, a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) determina que pelo menos 12% da receita de impostos descontados das transferências aos municípios e da perda do FUNDEF² deve ser gasta com serviços de saúde para a população. Neste quesito, em 2004 o governo estadual obteve R\$ 3.700 milhões em receitas e gastou 13,27% deste montante na área de saúde (tabela 3), ficando dentro do limite legal.

Tabela 10 – Receitas e Despesas com Saúde – 2004

RECEITAS	R\$ Milhões
1. Impostos – Estado	3.093
2. Impostos – Transferências da União	1.823
3. Total (1+2)	4.916
4. Transferências Constitucionais a Municípios	780
5. Perda Líquida do FUNDEF	437
6. RLIT <small>Receita Líquida de Impostos e Transferências (3-4-5)</small>	3.700
DESPESAS – TESOURO	R\$ Milhões
7. Despesas da Secretaria da Saúde	158
8. Fundo Estadual de Saúde	252
9. Outras Despesas de Saúde	81
10. TDPS <small>Total das Despesas Próprias com Saúde (7+8+9)</small>	491
TDPS/RLIT (%)	13,27
TDPS/RLIT MÍNIMA A APLICAR (%)	12,00

Fonte: SEFAZ

² Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental.

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

No que tange as despesas com educação, a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) determina que pelo menos 25% da receita com impostos deve ser gasta com a manutenção e o desenvolvimento do ensino. Em 2004, o tesouro estadual despendeu R\$ 1.225 milhões na área de educação, chegando a 29,6% das receitas com impostos (Tabela 11).

Tabela 11 – Receitas e Despesas em Educação – Ceará - 2004

RECEITAS	R\$ Milhões
1. Impostos – Estado	3.093
2. Impostos – Transferências da União	1.823
3. Total (1+2)	4.916
4. Transferências Constitucionais a Municípios	780
5. RLIT <small>Receita Líquida de Impostos e Transferências</small> (3-4)	4.136
DESPESAS – TESOURO	
6. Secretaria de Educação	1.021
Ensino Fundamental – FUNDEF	157
Ensino Fundamental – Perda do FUNDEF	437
Outras Despesas <small>com manutenção e desenvolvimento</small>	427
7. Outras	204
8. TDPE <small>Total de Despesa Própria com Educação</small> (6+7)	1.225
TDPE/RLIT (%)	29,60
TDPE/RLIT MÍNIMA A APLICAR (%)	25,00

Fonte: Sefaz.

3.4 Dívida Pública

Quanto ao estoque de dívida pública, em 2004 o tesouro estadual amortizou mais dívida antiga do que contratou dívida nova. Conseqüentemente, a Dívida Consolidada Líquida (DCL) caiu de R\$ 4.449 em 2003 para R\$ 4.312 em 2004 (Tabela 12).

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Tabela 12 – Dívida Consolidada Líquida

R\$ Milhões	2003	2004
1. Dívida Consolidada Líquida (DCL)	4.449	4.312
DCL <small>TODOS OS CREDORES</small>	4.449	5.025
2. Receita Corrente Líquida (RCL)	4.210	4.624
3. PIB <small>ESTIMADO</small>	25.352	27.291
(DCL) / (RCL)	1,057	0,937
(DCL <small>TODOS OS CREDORES</small>) / (RCL)	1,057	1,087
Limite Definido Pelo Senado Federal e LRF	2,000	2,000
(DCL) / (PIB)	17,5%	15,8%
(DCL <small>TODOS OS CREDORES</small>) / (PIB)	17,5%	18,4%

Fonte: Sefaz.

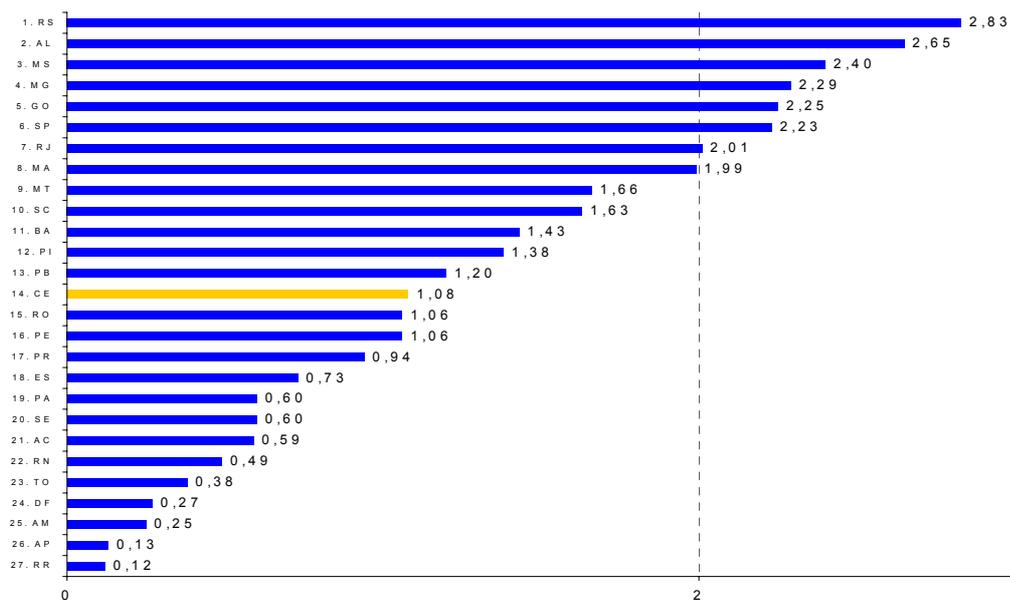
O limite legal para o endividamento público é de duas vezes a Receita Corrente Líquida (RCL), sendo que em 2004 esta relação fechou em 0,937, mostrando que o estado ainda possui margem para se endividar. Neste ponto, é importante notar que existem credores que não estão entrando no cômputo da LRF, os chamados “esqueletos de dívida”. Assim, a tabela 5 também mostra a DCL de todos os credores, e mesmo assim a dívida está bem abaixo do limite legal.

Outro indicador importante do endividamento público é a relação com o PIB. Neste quesito a relação entre DCL e PIB está em 18,4%, contando todos os credores. A título de comparação, a mesma relação feita para o governo federal está em torno de 52%.

Ainda sobre o endividamento público, é interessante comparar a posição do Ceará com a dos outros estados. Neste contexto, o Gráfico 16 mostra a relação DCL/RCL para todas as unidades federadas, onde o estado aparece em 14º no *ranking* nacional. É importante observar que a posição do Ceará refere-se ao final do exercício, enquanto a dos demais estados é uma posição parcial calculada em agosto.

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Gráfico 16 – Relação DCL/RCL – Brasil – 2004



Fonte: STN. Elaboração: Ipece.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

4 OPINIÃO DO IPECE

Bases Naturais do Ceará: Condições Geoambientais de Exploração Agrícola

Rogério Barbosa Soares³

Historicamente as potencialidades dos recursos naturais disponíveis no Ceará foram decisivas para o processo de povoamento e exploração econômica do Estado. As condições geoambientais contribuíram muito para a organização e estruturação dos sistemas produtivos locais, principalmente no setor agrícola, determinando na maioria dos casos, a sua localização e o tipo de atividade econômica desenvolvida.

O Ceará possui predominantemente um clima tropical semi-árido, onde 90% de sua área esta inserida na região do Semi-Árido, caracterizada por temperaturas médias que oscilam entre 26° a 28°C, com precipitações pluviométricas que se distribuem de forma irregular no tempo e no espaço, com índices pluviométricos entre 500mm até 2.000mm, porém apresentando concentração das mesmas num curto período de três a cinco meses no ano (de janeiro a maio).

Esta é uma característica marcante do clima da região e afeta diretamente a agricultura cearense, principalmente a agricultura de sequeiro e a pecuária extensiva, por serem mais vulneráveis a estas variações climáticas, que constituem a principal fonte de trabalho e sustento para a grande maioria dos pequenos produtores rurais. Em 2004, a agricultura de sequeiro cearense sofreu muito com o fenômeno conhecido como “seca verde”, caracterizado pelas intensas chuvas ocorridas nos meses de janeiro e fevereiro e a ocorrência de veranicos⁴ nos meses de março e abril. Os efeitos destes fenômenos sobre as culturas de milho, feijão e arroz foram observados através da queda de suas produções, da ordem de 49,04%, 37,82% e 15,23%, respectivamente.

³ Mestre em Economia Rural/ Especialista em Desenvolvimento Rural.

⁴ Veranico: período de tempo de dez ou mais dias sem a ocorrência de chuvas.

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Na safra de 2004, houve uma redução de 6,78% na área total plantada com grãos e uma perda média de 41,59% em sua produção comparada ao ano de 2003. Ressalta-se que as culturas de milho e feijão respondem juntas por 80,62% da safra de grãos. Onde, uma redução deste porte, contribui significativamente para agravar o problema da baixa renda do pequeno produtor rural no interior do Estado. Frente à complexidade deste quadro, o Plano de Desenvolvimento Rural Sustentável do Ceará referente ao período de 2003-2006, tem como maior desafio, identificar atividades econômicas rentáveis e competitivas que potencializem a convivência do produtor rural com o Semi-Árido e gerem empregos produtivos para a mão-de-obra desempregada ou subutilizada no meio rural (SEPLAN, 2003).

Considerando, em sua abordagem as potencialidades naturais reveladas como vantagens comparativas para a agricultura do Ceará (elevada insolação, representada por cerca de 3.000 horas de sol/ano; altas temperaturas, variando entre 25°C a 30°C; baixa umidade do ar; etc.), as quais estão sendo captadas em ações orientadas na direção do incentivo ao crescimento econômico endógeno e dinâmico do interior em coerência com o crescimento econômico do Estado.

Nesta perspectiva, o caminho para o desenvolvimento rural do Ceará, pautado no Plano de Governo do Estado do Ceará/2003-2006, além de focar o suprimento das necessidades locais, está envolto sob a ótica da gestão tecnológica, organização da produção, promoção comercial, capacitação, infra-estrutura e financiamento, voltado para o aproveitamento do potencial de seus recursos naturais, com o intuito de buscar a capacidade competitiva tão exigida pelos mercados consumidores em uma economia cada vez mais globalizada, moderna e exigente de produtos saudáveis e ambientalmente sustentáveis. Estes critérios podem ser observados na concepção de seus projetos, como: Agropólos e Caminhos de Israel, coordenados pela Secretaria de Agricultura e Pecuária (SEAGRI).

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Como fruto destas políticas, observamos o caso da fruticultura cearense, que em 2004 obteve um crescimento significativo de 2003 para 2004 em diversas atividades: abacaxi (1.380,04%), melancia (90,54%), goiaba (33,07%), uva (31,06%). Entre as frutas produzidas no Estado destacam-se com maiores produções: a banana (367 mil toneladas), o coco (228 mil frutos), o melão (109mil toneladas) e a castanha de caju (91 mil toneladas). Ressaltasse que o estado do Ceará já é o segundo maior produtor de flores do Brasil, ficando atrás apenas de São Paulo. Em 2004, as exportações de flores superaram a marca de US\$ 1 milhão, gerando em média 12 empregos diretos e 6 indiretos por cada hectare explorado.

Assim como a fruticultura, a floricultura, a produção de mel de abelha, a carcinicultura estão viabilizando a introdução de novos produtos de maior valor agregado na economia cearense, permitindo o aproveitando das vantagens competitivas naturais na geração de oportunidades de emprego e renda para a massa de trabalhadores rurais desempregados e subutilizados na agricultura de subsistência. De forma, que a agricultura vem desempenhando um papel, não apenas de suprir alimentos, matéria-prima, mão-de-obra para os centros urbanos, mas também de um setor econômico capaz de promover o desenvolvimento no meio rural.

2004

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Carcinicultura: Uma Janela de Oportunidade

Maria Eloisa Bezerra da Rocha⁵

A criação de camarão em cativeiro constituiu-se, na década de 90, numa atividade geradora de emprego e renda para alguns estados brasileiros. No Ceará, essa atividade concentrou-se no Litoral Leste, formada por, aproximadamente, 76 carcinicultores, mas em todo estado são 185 produtores. Segundo a Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC) a maioria das empresas é de pequeno e médio porte. Aracati destaca-se como o município que abriga as maiores fazendas. Além de abastecer o mercado interno, grande parte da produção cearense é escoada para o mercado externo, sobretudo para Europa e Estados Unidos.

O Nordeste abrange 96% da produção de camarão em cativeiro brasileira. O Ceará é o segundo maior produtor do País, a primeira posição cabe ao Rio Grande do Norte, que cultiva o camarão em cativeiro numa área de mais de 5 mil hectares, os 362 produtores registraram, em 2003, uma produção de 37,5 mil toneladas, e o Ceará totalizou 25,9 mil toneladas. O Brasil, em 2004 produziu cerca de 80 mil toneladas de camarão em cativeiro.

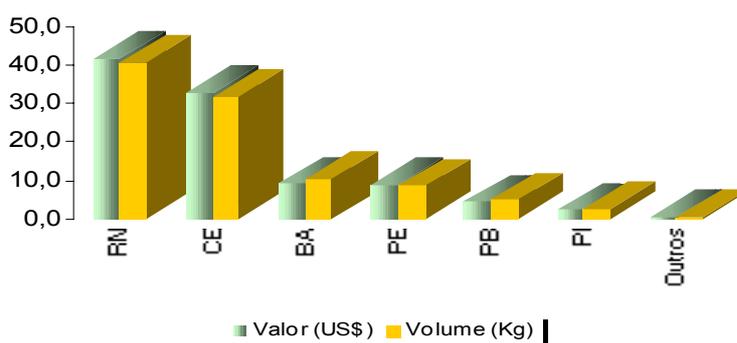
Estes resultados colocaram o País no sexto lugar dentre os maiores exportadores mundiais de camarão. O primeiro lugar é da Tailândia, com cerca de 250 mil toneladas vendidas em 2004. Vale salientar que a produção mundial de camarão atingiu 4,5 milhões de toneladas, 35,2% são de cativeiro e 64,8% são extraídas do mar. A vantagem do Brasil sobre os demais países produtores e exportadores de camarão, além da elevada produtividade, é que a produção ocorre durante todo o ano, diferente do que acontece nos demais países, o que o torna mais competitivo.

⁵ Analista de Políticas Públicas e Mestre em Negócios Internacionais.

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Vale lembrar que as barreiras norte-americanas impostas pelos Estados Unidos, em 2004, prejudicaram sobremaneira a produção de camarão no Brasil, provocando uma queda de 12,2% nas exportações de camarão. Somente o Ceará registrou um decréscimo de 19,5%, sobre o ano de 2003. Dos estados brasileiros exportadores de camarão, apenas o Rio Grande do Norte registrou incremento nas exportações de 2004 sobre 2003, 16,1%. O Gráfico 17 mostra a participação das exportações de camarão (em valor e volume) por estado, destacando o Rio Grande do Norte que lidera o rank, seguido do Ceará.

Gráfico 17 – Participação (%) das Exportações de Camarão por Estados no Total Exportado do Brasil – 2004



Fonte: SECEX/MDIC.

Em termos de exportações, em 2004, o Ceará exportou camarão para doze países, totalizando um valor de US\$ 65 milhões, 19,2% menor que o valor de 2003, US\$ 80,9 milhões. Na Tabela 13 estão destacados os seis primeiros países de destino dos camarões cearenses. Ressalve-se que as barreiras impostas pelos Estados Unidos provocaram quedas significativas no valor e volume das exportações de camarão, em 2004 sobre 2003, os decréscimos foram de 64,5% e 66,3%, respectivamente. A Espanha liderou as compras de camarão, em 2004, com um valor de US\$ 31,0 milhões.

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

Tabela 13 – Exportações de Camarão por Países Selecionados – Ceará - 2004

Países Selecionados	Valor (US\$/FOB)	Volume (Kg)	Part. % Valor	Part. % Volume
Espanha	31.030.250	8.422.017	47,6	50,9
França	14.546.015	3.767.796	22,3	22,8
Estados Unidos	10.111.062	2.190.635	15,5	13,2
Holanda	4.329.050	1.164.580	6,6	7,0
Japão	2.300.138	289.788	3,5	1,8
Portugal	1.306.264	343.641	2,0	2,1
Ceará	65.187.775	16.540.997	100,0	100,0

Fonte: SECEX/MDIC.

Apesar do ano de 2004 ter sido fraco para as exportações de camarão de cativeiro, os produtores brasileiros acham oportuna à lacuna deixada pela Tailândia, após a ocorrência do Tsunami, que atingiu a Ásia, no final de 2004. Estima-se uma queda de 80 mil toneladas na produção do camarão tailandês, e a recuperação da atividade será lenta. Assim, a Associação Cearense dos Criadores de Camarão (ACCC) prevê ampliação, em 2005, tanto na produção como na exportação do produto, no Ceará. Para a produção brasileira a previsão é de 30 a 35%. Vale lembrar que além da tragédia da Tailândia, o preço no mercado externo constitui-se em mais um atrativo, cotado em torno de US\$ 4,0, poderá ser elevado em 15%, em 2005, pela escassez do produto no mercado, sugere a ABCC.

Segundo os produtores de camarão, há capacidade ociosa que pode ampliar a produção brasileira e cearense para ocupar o espaço deixado pela Tailândia. Mas, a Associação dos produtores, aponta dois obstáculos determinantes ao crescimento da carcinicultura: a própria atividade de criação de camarão em cativeiro, que gera polêmica à cerca dos danos que pode causar ao meio ambiente, o que dificulta a liberação de

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA – CEARÁ

licenças ambientais, a obtenção de recursos financeiros, sobretudo para os pequenos e médios produtores.

Fontes de Consultas:

Site da Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC);

Site Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC): www.mdic.gov.br/ ;

Site Diário do Nordeste: www.diariodonordeste.com.br.

2004